A VIOLÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES NOTICIADA PELA MÍDIA IMPRESSA

Thaís Lopes Cortes[1]; Antenora Maria da Mata Siqueira[2]; Juliana Thimóteo Nazareno Mendes[3]

Palavras-chave: Homicídio, Juventude; Violência;

Este resumo tem como objetivo apresentar os resultados preliminares da pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais – NESA, vinculado ao Departamento de Serviço de Campos, da Universidade Federal Fluminense. A pesquisa tem como objetivo refletir sobre a forma como a violência, associada à juventude é apresentada pela mídia impressa no município de Campos dos Goytacazes.

Para tanto, utilizou-se como fonte de informação os casos noticiados pela mídia impressa no município de Campos dos Goytacazes, localizado no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, que tiveram os jovens com idades entre 15 e 29anos identificadas como autores ou vítimas nos casos relacionados à violência.

A metodologia trabalhada consistiu na pesquisa hemerográfica ao jornal Folha da Manhã, que é o de maior circulação do município. Considerando que a pesquisa está em fase inicial, serão apresentados neste artigo os resultados dos meses de janeiro, fevereiro e março de 2015. Neste primeiro momento da pesquisa se buscou identificar os bairros de origem, os bairros de ocorrência, o sexo, a idade, o tipo de ocorrência e se os sujeitos envolvidos nas ações são vítimas ou autores das mesmas.

Para subsidiar as análises serão utilizados como referências diferentes autores, dos quais se destacam Adorno (2002), Zaluar (2007), Caldeira (2000) e Cassab (2007).

É importante ressaltar que a temática da violência tem um destaque neste trabalho a partir dos atos ilícitos noticiados pela mídia. A violência noticiada está sempre associada a ações como homicídio, assalto e tráfico de drogas, além de outros eventos que foram noticiados menos vezes como, o arrombamento, o porte ilegal de armas, o estupro, a agressão,

[1]Graduanda em Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes-RJ.
[2] Assistente Social, Doutora em EA/Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável e Professora da Universidade Federal Fluminense.
[3] Assistente Social, Doutora em Geografia e Professora da Universidade Federal Fluminense.

o estelionato, o latrocínio, o sequestro, dentre outros. Portanto é a esse aspecto da violência que o presente artigo se debruça. Entretanto, cabe mencionar que a violência perpassa outras ações, como, a negligência, a violência psicológica, a violência verbal e demais tipos.

Nesse sentido, a violência é entendida relacionada ao sistema capitalista de produção, no qual há o avanço das forças produtivas, que se tornam cada vez mais desenvolvidas, mas que, em contrapartida, exclui cada vez mais os trabalhadores do mercado de trabalho, promovendo o aumento expressivo da taxa de desemprego. Estes fatores, de acordo com Abramovay e Feffermann (2007) acabam contribuindo para os diferentes processos de violência que assolam a sociedade, como por exemplo, a violência relacionada à prática de atos ilícitos. Para estas autoras, o elevado índice de marginalização dos sujeitos das atividades produtivas, faz com que eles não encontrem espaço de trabalho no mercado lícito e com isso, acabam se inserindo em atividades do mercado ilícito.

Zaluar (2007, p. 35) ainda destaca que a baixa escolaridade, somada ao fato de serem escassas as oportunidades no mercado lícito de trabalho, tornam os jovens mais suscetíveis a prática de crimes, principalmente os crimes relacionados ao tráfico de drogas. Tendo em vista que esses sujeitos, geralmente moradores das áreas periféricas das cidades têm mais contato com o tráfico de drogas lhes oferecendo oportunidades de emprego e de ascensão social, Abramovay e Feffermann (2007, p. 3) pontuam que:

> Os jovens pertencentes às classes subalternas vivem uma dupla situação de risco, pois, vivenciando uma socialização incompleta, tem poucas oportunidades de integração no mercado de trabalho, aspecto reforçado pela baixa escolaridade; assim, são alvos fáceis para as drogas e o álcool e, quando surpreendidos ao cometerem infrações, a reprimenda pode custar-lhes a vida. Para os jovens da periferia, crescer é uma empreitada que ele deve enfrentar sozinho, um salto no escuro.

No entanto, a pobreza por si só não justifica a inserção dos jovens no mundo do crime e em envolvimento com ações violentas, isso porque nenhum jovem escolhe viver nas condições as quais são submetidos no mundo do crime, tampouco, escolhem morrer cedo. Para compreendermos esse processo, é necessária uma análise mais aprofundada sobre os sujeitos e o contexto no qual eles estão inseridos. Nesse sentido Zaluar (2007, p. 34) discorre que:

> "essas novas formas mundiais de atividades econômicas ilegais e violentas não podem ser consideradas estratégias de sobrevivência para os jovens que morrem antes de ter 25 anos. Os efeitos combinados da pobreza e da urbanização acelerada, sem que houvesse um desenvolvimento econômico necessário para oferecer emprego urbano aos migrantes e aos trabalhadores pobres, não são suficientes para compreender os conflitos armados que matam homens jovens."

Concordando com Cassab (2007), compreende-se que a juventude não é um bloco homogêneo, nem singular, existindo, portanto, juventudes, ao invés de juventude. Há várias juventudes vividas, que dependem do contexto no qual o jovem está inserido. Nesse sentido, Castro e Abramovay (apud CASSAB, 2007, p. 7) pontuam que "a juventude assume faces diferentes de acordo com as condições materiais e culturais que a cercam, de acordo com o território em que se encontra".

Para compreender a violência, portanto, faz-se necessário apreender o contexto no qual os sujeitos envolvidos nas ações violentas estão inseridos, isso porque os ambientes social, econômico e cultural podem intervir na forma como os jovens vivem a sua juventude e estabelecem as suas relações sociais (CASSAB, 2007; POLGA e PEREIRA, 2012, p. 7).

É importante considerar que as juventudes, geralmente pobre, negra, moradora de periferia tem sua imagem associada aos atos violentos, sendo considerada como um segmento perigoso. Tal imagem é reforçada pela mídia que destaca os atos infracionais praticadas pelos jovens, especialmente quando adolescentes. Sendo assim, buscou-se perceber a forma como a mídia noticias os casos de violência envolvendo jovens no município de Campos dos Goytacazes-RJ.

Como abordado, Campos dos Goytacazes está localizado no norte do estado do Rio de Janeiro. Possui uma população de 463.731 habitantes, em que 118.954 são jovens de 15 a 29 anos. Destes jovens, 63.039 (53%) se autodeclararam negros, de acordo com o Censo IBGE 2010.

Durante os três meses analisados para este artigo (janeiro, fevereiro, março de 2015), foram noticiados 214 episódios de violência relacionados a atos ilícitos (roubo, latrocínio, homicídio,etc.) dos quais relatam 65 eventos envolveram jovens.

No tocante a idade dos sujeitos envolvidos, as mais recorrentes foram: 17 anos (10), 18 anos (8), 23 anos (4), 29 anos (4), 28 anos (3), 15 anos (3), 25 anos (3)[4]. Interessante

[4]E importante ressaltar que 43 reportagens não identificaram a idade dos sujeitos envolvidos, mas afirmaram ser jovens. Cabe considerar que o número de sujeitos envolvidos é maior do que o número de eventos, porque um evento pode relacionar mais de um jovem.

observar a maior incidência envolvendo jovens com 17 e 18 anos. Isso indica algumas questões importantes para serem refletidas, como por exemplo, o fato de estarem mais vulneráveis às incursões do tráfico de drogas e da polícia. Consequentemente indica a necessidade de ampliação políticas sociais voltadas para este segmento. Portanto, percebe-se a importância de se efetivar o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente.

No que diz respeito aos bairros de origem dos sujeitos abordados pelo jornal, os mais recorrentes foram Sapo II (6) e Parque Santa Rosa (3), seguido do Novo Eldorado e do Parque Santa Clara que foram citados duas vezes cada, além de outros que foram notificados apenas uma vez, como Cidade Luz, Eldorado, Parque Prazeres, Jardim Carioca, Nova Canaã, Parque Rosário, Comunidade Cantinho do Céu, Codin, Parque Aurora, Novo Jockey e Parque Califórnia. Em dois episódios os bairros de origem dos sujeitos não eram localizados em Campos dos Goytacazes, sendo um episódio relacionado à Magé e outro à Cabo Frio, ambas as cidades localizadas no Estado do Rio de Janeiro.

Verificou-se que os bairros mais citados estão localizados na periferia da cidade e são marcados pela pobreza e pelo desigual processo de apropriação dos bens de consumo. O que carece atenção, pois a sociedade, por meio do senso comum e da mídia, associa a violência como intrinsecamente ligada à pobreza.

A maioria dos bairros estásituadaàs margens esquerda do rio Paraíba do Sul, no distrito de Guarus. No município, essa divisão da cidade do lado esquerdo e direito do rio Paraíba é uma característica importante, na qual os bairros ao lado direito do rio compõem as regiões mais valorizadas em relação daqueles que estão à margem esquerda do rio.O distrito de Guarus e os bairros que o compõem, são bairros que sofrem menos intervenção pública, e é composto por uma população majoritariamente mais empobrecida.

Os bairros de ocorrência dos casos de violência noticiados com maior frequência foram:Sapo I (9), Parque Santa Clara (5), Penha (4), Parque Rosário (3), Jardim Carioca (3), além Ponta Grossa dos Fidalgos (3), que está localizada na zona rural do município de Campos. Outros bairros como Tira Gosto (2), Comunidade Cantinho do Céu (2), Centro (2), Parque Santa Rosa (2), Parque Cidade Luz (2), Novo Eldorado (2), Tocos (2), Nova Campos (2) e a Praia de Farol de São Tomé, que fica a 47, 7 km do Centro da Cidade também foram sinalizados.Outros bairros foram citados, mas com menos incidência.

Quanto aos tipos de ocorrência mais recorrentes destaca-se o homicídio que foi registrado 72 vezes, seguido do tráfico de drogas (14) e outros que aparecem em menor

quantidade, como o assalto (5), estupro seguido de roubo (3), agressão (1), tráfico de drogas somado ao porte ilegal de armas (1), estelionato (1) e estupro somado a roubo, latrocínio, ameaça e extorsão (1).

No que tange ao bairro de ocorrência, percebeu-se os homicídios foram mais recorrentes em bairros periféricos: Parque Santa Clara (5), Sapo I, Parque Rio Branco, Ponta Grossa dos Fidalgos, Cidade Luz, Novo Eldorado e Nova Campos.

No que diz respeito ao tráfico de drogas, os bairros mais recorrentes são também bairros periféricos, como a Comunidade Tira Gosto (2) e a Penha (2). Outros bairros periféricos como a Comunidade da Portelinha, Eldorado, Parque São José, Parque Santa Rosa, Comunidade Cantinho do Céu, Penha, Sapo III e Jardim Carioca também foram notificados.

Cabe considerar que há uma dificuldade de precisão sobre o local de acontecimento dos eventos, isso porque os bairros apresentados em muitos casos são próximos uns dos outros, o que sugere a hipótese de que muitas vezes os locais destacados nas reportagens são determinados de acordo com a interpretação dos sujeitos envolvidos nas ações e dos jornalistas, não significando a mesma divisão formal dos bairros, feita pela administração pública.

Os bairros centrais, por sua vez, aparecem mais relacionados a episódios como assaltos, sendo, portanto, menos suscetíveis aos chamados crimes violentos, que são relacionados ao homicídio.

No tocante ao gênero, foi possível perceber que os homens são muito mais notificados como autores e vítimas dos episódios relacionados a violência do que as mulheres. Os homens foram relatados em 50 episódios e as mulheres em 9. Nos demais episódios os sexo dos envolvidos não foi identificado.

Esses dados corroboram com a pesquisa realizada por Zaluar (2007, p. 32), quando discute que a violência está bastante ligada ao gênero masculino, pois o homem tem necessidade de mostrar a sua masculinidade, força, além das subjetividades que os cercam.

Sobre a situação dos sujeitos envolvidos nas ações, cabe ressaltar que 32 episódios relatavam sobre a vítima, 30 sobre os jovens enquanto autores de ações violentas e 2 abordavam vítimas e autores. Apesar da pouca diferença entre os dados, pode-se perceber que os jovens apareceram mais como vítimas do que como autores de ações violentas.

Como apontam as pesquisas de Adorno (2002), Caldeira (2000) e Cassab (2007), nas últimas décadas a violência tem aumentado de forma significativa. Segundo Caldeira (2000, p. 101) esse aumento se deve a um ciclo que envolve a intervenção violenta da polícia,

somada ao apoio da população que legitima essas ações policiais violentas; a descrença do sistema Judiciário; ao uso por parte das pessoas de maior aquisição financeira de instrumentos de segurança privada; a individualização presente na sociedade capitalista.

Adorno (2002, p. 101), considera que não há um consenso sobre o porquê do aumento da violência, mas, concordando com Caldeira (2000), aponta três hipóteses, quais sejam: as mudanças na sociedade e nos padrões convencionais de delinquência; a crise do sistema de justiça criminal e a desigualdade e segregação urbana.

Os autores citados pontuam que a desigualdade social e a segregação urbana acabam contribuindo para que os sujeitos se insiram no mercado ilícito e muitas vezes, violento, de trabalho, isso porque não têm outras condições objetivas que permitam a sua subsistência.

Abramovay e Feffermann (2007, p. 9) afirmam que com os ajustes neoliberais a população, sobretudo, a jovem, moradora da periferia, se encontra cada vez mais sem perspectivas, porque há uma redução das políticas públicas voltadas para esse público. Além do fato das políticas existentes não serem eficientes, o que corrobora para que o tráfico acabe capturando esses jovens.

Outro ponto a ser discutido reside no fato de que, segundo Adorno (2002, p. 102) a violência aumentou e se "qualificou". Crimes que outrora eram individuais e isolados dão lugar a crimes organizados.

A partir do momento em que a mídia divulga essas noticias de forma simplista, pejorativa e carregada de senso comum, contribui para a formação do imaginário social da população acerca de alguns bairros da cidade, a saber, os bairros periféricos. A partir das reportagens vinculadas pela mídia, à sociedade passa a construir um imaginário social de quais lugares podem ou não ser frequentados por determinado tipo de público. Dessa forma, a cidade é acessada de forma cada vez mais distinta entre ricos e pobres.

Para Harvey (2013) a cidade é construída pelos seres humanos, que dão à cidade, características que lhes são próprias, porém, no sistema capitalista de produção, suas características são hegemonicamente atribuídas pelos segmentos de classe com maior poder econômico e político, que representa um número muito pequeno se comparado ao total da população brasileira.

Concordamos com Harvey (2013) quando ele destaca que a população precisa ir às ruas lutar para que a cidade seja reconstruída, sendo-lhe conferidas características que atenda aos desejos da maioria da população. È preciso lutar por uma cidade mais democrática e

acessível a todos, com mais equidade. Ao contrário do que se tem hoje: uma sociedade cada vez mais marcada pelas desigualdades sociais, fruto do capitalismo excludente.

Neste processo, a população periférica, sobretudo quando negra e jovem, passa a ser vítima de estereótipos, como se o fato do sujeito ser periférico, negro e pobre fizesse dele alguém ligado a violência (TOLEDO et. al, 2013;POLGA e PEREIRA, 2012; CASSAB, 2014).Logo, concordamos com Abramovay e Feffermann (2007, p. 4), quando dizem que os jovens além de serem vítimas da violência física são também vítimas da violência simbólica e moral que sofrem pelo fato de serem jovens.

Por fim, cabe considerar que a mídia divulga as reportagens, culpabilizando os sujeitos autores das ações violentas, entretanto, não discutem o cerne da questão que é a desigualdade social presente na sociedade capitalista. Tratam como caso de política o que deveria ser resolvido por meio das políticas públicas de assistência social. Portanto, de acordo com Adorno (2002, p. 108) "superar esse cenário significava, antes de tudo, introduzir radicais transformações na sociedade brasileira com o propósito de erradicar a pobreza, de modo a eliminar as raízes da violência estrutural".

Destacamos que a mídia contribui para que a população construa uma representação social preconceituosa sobre os jovens periféricos, pobres e negros. Contribui para que haja um superdimensionamento da violência e dessa forma, demarca lugares na cidade que podem ou não ser frequentados por determinados tipos de sujeitos. Isso corrobora para que haja cada vez mais uma divisão social dentro dos espaços da cidade e para que a desigualdade social seja cada vez mais naturalizada.

Portanto, para que haja uma superação de episódios que envolvam ações violentas é preciso, antes de qualquer coisa, um aumento e uma maior efetivação das políticas sociais públicas, para que possam atender a todos os sujeitos residentes no Brasil, oferecendo-lhes condições de vida melhores, com maiores oportunidades, que não no mundo da ilegalidade e do envolvimento em ações violentas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVAY, Miriam; FEFFERMAN, Marisa. **Juventude e sociabilidade:** vivendo uma cultura de violência. In: Sociologia Especial, São Paulo, ano 1, n.2, p. 46-55, 2007.

ADORNO, Sergio. **Exclusão Socioeconômica e Violência Urbana. Sociologias.** Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002.

BRASIL. **Estatuto da Juventude.** Ed. Brasília: Senado Federal, 2013.

CALDEIRA, Teresa Pires R. **Cidade de Muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp. 2000.

CASSAB, Clarice. **O lugar da juventude: espaço-temporalidades da noção de juventude**. Disponível em: <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=145>Acesso em: 15. Maio. 2015.

HARVEY, David. **A Liberdade da Cidade.**In: HARVEY, D; MARICATO, E; et al. Cidades rebeldes, São Paulo, Boitempo, 2013.

PEREIRA, Adriane e POLGA, Vanessa. **Ato infracional, exclusão social e mídia:** ligando elos. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2012/2.pdf.> Acesso em: 15 Março. 2015.

TOLEDO, Juliana; FERREIRA, Kátia; REZENDE, Rayssa e ARAÚJO, Vivian. **A Influência da Mídia na Estigmatização de Jovens e Lugares da Cidade**, In: XIII Simpósio de Geografia Urbana, 2013, Rio de Janeiro – RJ. Anais do XIII Simpósio de Geografia Urbana, 2013.

ZALUAR, Alba. Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. Estudos Avançados, v. 21, n. 61, p. 31-49, 2007.